

Assunto: **Complementação de estudo de Reavaliação da Feira de Caruaru para Revalidação do título de Patrimônio Cultural do Brasil.**



Pórtico de entrada da Feira de Caruaru em homenagem ao Título de Patrimônio Cultural e escultura de Onildo Almeida, compositor de “A Feira de Caruaru”. Foto: Romero de Oliveira: 2019.

1 - Introdução

O processo de Revalidação do Registro de Bens Imateriais pelo Iphan / MinC está previsto para ocorrer a cada dez anos. Uma vez registrado, o bem passa a ser objeto de ações de promoção e valorização pelas três esferas de governo, bem como pela sociedade. Considerando os dez anos decorridos desde o Registro da Feira de Caruaru enquanto Patrimônio Cultural do Brasil (Livro dos Lugares), com o presente Parecer, pretende-se a Reavaliação da situação do Bem, atendendo ao previsto no Art. 6º da Resolução 005/2019/Iphan, que normatiza os procedimentos acerca do tema (em substituição à Resolução 001/2013/Iphan).

2) Fundamentos legais

A Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil dos bens registrados está prevista no Decreto 3.551/2000, que instituiu “o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro” e criou “o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”. Conforme o Art. 7º do Decreto citado: “O Iphan fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de Patrimônio Cultural do Brasil”.

Também no Art. 17 da Resolução 01/2006 reafirma-se a necessidade de reavaliação dos bens culturais registrados, devendo, ainda, constar parecer técnico para ser “enviado ao proponente e demais participantes do processo, que terão quinze dias para se manifestar por escrito”. Em 2013, face à necessidade de iniciar-se a instrução dos processos de revalidação (pois os dois primeiros registros datam de dezembro de 2002), foi publicada a Resolução nº 01 (18.07.2013), dispondo “sobre processo administrativo de Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil dos bens culturais Registrados”. Conforme a Resolução 01/2013 citada, o responsável pela abertura do processo de revalidação é o Departamento de Patrimônio Imaterial, visto que, como previsto no Art.5º da mesma, “o DPI informará a abertura do processo de Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil às Superintendências do Iphan, ao proponente do Registro e demais partes interessadas”.

A Resolução Nº 005/2019/Iphan, publicada em 12 de julho, contudo, revogou as normas citadas no parágrafo anterior. De maneira que, tendo sido a instrução iniciada na vigência de tais normas, faz-se necessário um pequeno histórico da instrução do processo.

3 – Histórico da instrução

Decorridos dez anos do registro da Feira de Caruaru como Patrimônio Cultural do Brasil, foi aberto o processo nº 01450.012506/2016 no DPI, que informou o fato à Superintendência do Iphan – PE por meio do Memorando 58/17, de 17/03/2017. Nele, solicitou-se a indicação de responsável na unidade para tratar de questões relativas aos Arts. 4º a 12º da Resolução nº 01/2013. Em 18/04/2017 a servidora Maria das Graças Carvalho Villas foi indicada como técnica responsável pelo acompanhamento da instrução do processo: isto devido ao fato da mesma ter lidado com as ações relativas ao tema desde o ano de 2004, quando tiveram início as tratativas para Registro do Bem. A Portaria Nº 38/2017, que nomeia oficialmente a servidora responsável, data de 27 de setembro de 2017. O servidor Romero de Oliveira e Silva Filho foi designado como suplente na Superintendência do Iphan em PE, trabalhando juntamente com a titular. Foi, então, aberto no SEI o Processo Nº: 01498.000710/2017-12, para ser instruído pela Superintendência de Pernambuco, com o acompanhamento do DPI.

A Prefeitura de Caruaru, que, no caso em tela, está sendo representada por sua Fundação de Cultura e Turismo (gestões Lúcio Omena, Maria Alves da Silva e Rubem Júnior) e pela Secretaria Extraordinária da Feira (gestão José Pereira) foi também informada por meio do ofício nº 17/2017-GAB/DPI/Iphan. No sentido de atender ao previsto no Art. 8º da Resolução 01/2013, solicitou-se manifestação formal da Fundação de Cultura e Turismo (proponente do Registro), que, dando ciência e informando do interesse pelo tema, indicou os técnicos Maria Betânia Ferreira da Silva e George Pereira da Silva, responsáveis pelo levantamento das informações previstas no Art. 7º da mesma resolução (Ofício FCTC/GP nº 414/2017). E, para dar publicidade ao processo, aproveitando a oportunidade da realização da “X Semana do Patrimônio Cultural de Caruaru”, os técnicos do Iphan – PE, Maria das Graças Carvalho Villas e Romero de Oliveira e Silva Filho proferiram palestras no dia 16/09/2017, no auditório do Sesc Caruaru, informando à sociedade acerca da Revalidação do Registro. Em 17/09/2017 os técnicos citados reuniram-se com a equipe da Fundação de Cultura e Turismo da Cidade de Caruaru, que se prontificou a reunir os dados acerca da realidade da Feira nos últimos anos, bem como de sua situação atual.

Também nos dias 07 e 08 de novembro de 2017 a servidora Maria das Graças Carvalho Villas participou de reuniões com a Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, com representantes dos feirantes (detentores) e de todas as Secretarias da Prefeitura que tem gestão com a Feira. Em todas as reuniões o tema tratado foi o processo de Revalidação do Registro da Feira como Patrimônio Cultural do Brasil.

De maneira que a reunião de informações acerca do efeito do Registro, ações de salvaguarda e demais dados sobre o bem cultural em questão, desde o princípio está sendo realizada conjuntamente pelo Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan, Superintendência em Pernambuco e comunidade detentora/produtora do bem em questão (Arts. 4º ao 8º - Res. 01/2013). Neste sentido, o Coordenador de Identificação e Registro do DPI, Deyvesson Israel Alves Gusmão, indicou a Coordenadora de Registro, Marina Lacerda, para representar o Departamento.

Considerados os 90 (noventa) dias previstos no Art. 9º da Resolução 01/2013, os técnicos da Superintendência do Iphan – PE nomeados para a instrução do processo elaboraram a Nota Técnica 001/2017, inserida no Processo Nº 01498.000710/2017-12 em 20 de dezembro de 2017. Tal nota fundamenta legalmente a participação da Superintendência no processo; define o objeto (Bem Cultural Registrado); aborda cronologicamente as ações realizadas com recursos do Iphan e parcerias com a Prefeitura de Caruaru; e classifica tipologicamente tais ações, havendo parecer preliminar acerca da Revalidação do Registro.

Complementarmente, a partir das articulações firmadas com os detentores, os técnicos citados, disponibilizados pela Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, elaboraram um relatório bastante relevante a partir da perspectiva do proponente. O relatório encontra-se anexado ao processo principal, protocolado com o Nº 01498.900542/2017-59. Este material deve ser analisado separadamente, compondo, porém, um conjunto com o presente Parecer. Trata-se de material de alta importância,

vez que elaborado pelo proponente. Também a Presidente da Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, Maria Alves da Silva (por meio do Ofício GP – FTCT – Nº 321 – 2018, de 27 de novembro) e a Prefeita de Caruaru, Raquel Lira (por meio do Ofício GP – Nº 011, de janeiro de 2018), manifestaram grande interesse na Revalidação. A Prefeita coloca que o título “é um privilégio, uma honra, e o reconhecimento do esforço de homens e mulheres trabalhadores, que durante décadas foram responsáveis pela construção de uma história de lutas, transformando nossa Feira em lugar símbolo de cultura, memória e de continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais de nossa cidade”.

No período de 13 a 15 de maio de 2019, o técnico do DPI Rodrigo Ramassote e os técnicos do Iphan – PE, Maria das Graças Carvalho Villas, Romero de Oliveira e Silva Filho e George Bessoni estiveram reunidos para discutir questões relativas aos processos de Revalidação de Registro da Feira de Caruaru e também do Frevo. No sentido de prosseguir-se com a instrução, foi inserida no Processo Nº: 01498.000710/2017-12 a Nota 001/2019/DPI, de 28 de maio de 2019, redigida pelo técnico Rodrigo Ramassote, em que se tecem considerações à Nota 001/2017 do Iphan – PE. As sugestões e ponderações feitas foram todas acatadas para a redação do presente Parecer. A partir desse momento, o técnico George Bessoni, apesar de não estar listado na Portaria Nº 38/2017, passou a atuar como colaborador, devido à experiência em diversos projetos na área de Patrimônio Imaterial, e da grande importância do campo das Ciências Sociais para a abordagem do tema.

Considerando-se a publicação da Resolução Nº 005, de 12 de julho de 2019, foi inserida a Nota 002/2019/DPI, no sentido de serem postas as questões levantadas pelo DPI acerca da complementação do material enviado e adequação à nova Resolução. É esta complementação que fazemos aqui.

Para o presente parecer, além dos diversos estudos e contatos prévios já realizados, fizemos visitas de campo a todas as feiras que compõem o complexo da Feira de Caruaru, levantamento de dados com detentores, fotografias, além da aplicação do roteiro proposto na Resolução Nº 005/2019, com detentores considerados fundamentais. É da junção do presente parecer com os anexos inseridos pela Prefeitura de Caruaru que compõe-se a análise.



Reunião dos técnicos do Iphan – PE com a Diretoria da Associação de Artesãos da Feira do Artesanato, em 2019.

4 - Do objeto: a Feira de Caruaru

Contando com milhares de feirantes, a Feira de Caruaru era, no momento do Registro, e é, ainda hoje, o maior centro de comércio e cultura popular do interior da Região Nordeste. A origem da Cidade de Caruaru – em fins do Século XVII e início do XVIII – e do Agreste Central de Pernambuco estão de tal maneira interligadas à criação de gado e ao comércio que é impossível saber onde começa a cidade / município e termina a Feira. Nesta, comercializa-se de “tudo que há no mundo”, como diz a famosa canção do caruaruense Onildo Almeida, imortalizada por Luiz Gonzaga. Muitos dos saberes e fazeres tradicionais da região também foram / são mantidos em relação com o ambiente que a Feira proporciona – caso da tradição da arte figurativa do Alto do Moura (Caruaru), que tem como expoente o Mestre Vitalino.

Na origem da Feira e da Cidade de Caruaru está o comércio de “gado desembarcado para o Sertão, bem como o que vinha do sertão com destino ao litoral, para consumo e tração animal nos engenhos”. Transformando-se a Fazenda Caruru em local de pouso para os tropeiros, ela tornou-se a célula inicial dos núcleos urbano e comercial, em fins do Século XVIII (Dossiê de Registro da Feira de Caruaru, p. 25). O passo seguinte foi a instalação da Capela de Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Caruru, em 1781.

O comércio de gado ensejou também o de outros produtos, e acabou por consolidar uma realidade econômica e urbana, havendo já cerca de 300 casas em torno da Capela de Nossa Senhora da Conceição por volta do ano de 1800. Conforme a análise do Dossiê de Registro, um dos diferenciais da Feira de Caruaru em sua origem é o fato de ser “a primeira feira nascida em área econômica pertencente ao ciclo do gado, no Pernambuco colonial, [...] diretamente vinculada às necessidades de consumo interno; produção altamente diversificada, em função da distância entre o litoral, o porto e as grandes cidades e vilas da área açucareira” (Dossiê, p. 34). Além disso, diferente da

zona da monocultura açucareira, a economia em torno do gado permitia maior diversificação de produtos.

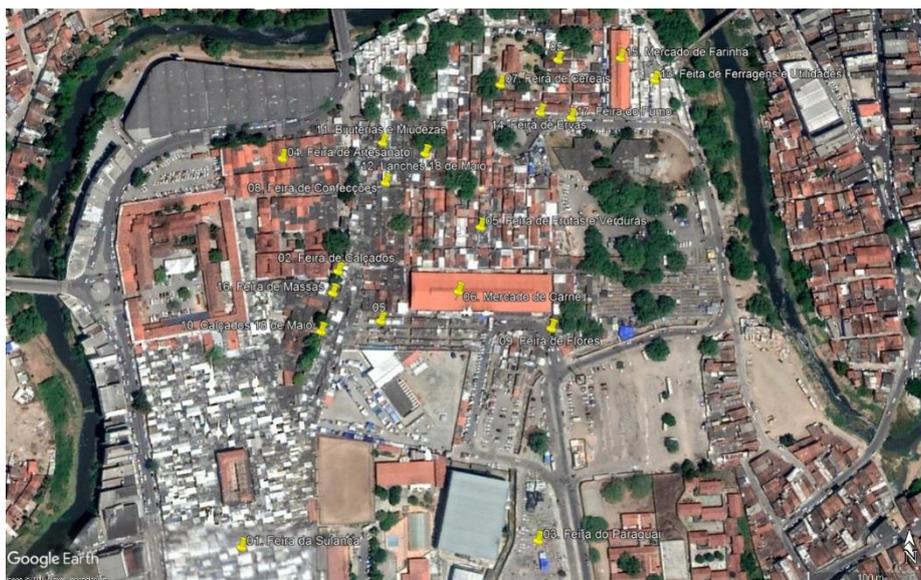
Prova dessa origem é o fato de que a tese mais defendida é a de que a Feira do Gado foi a primeira entre todas que compõem o grande complexo que hoje forma a Feira de Caruaru – a Feira do Artesanato; a Feira da Sulanca; a Feira Livre; a Feira das Flores, entre outras. A consolidação de Caruaru enquanto cidade – oficialmente em 1857 – coincide também com o crescimento da Feira, que no início do Século XX era já o grande centro do comércio no interior da Região Nordeste.

Caruaru atinge cerca de 25 mil habitantes nas primeiras décadas do Século XX. Na Feira, sobressaía a indústria do couro, com destaque para empresas como a Sanbra, Caroá e Curtume Irmãos Souza. Foi também o auge da Literatura de Cordel, ainda hoje muito presente na Feira, que abriga, inclusive, o Museu do Cordel, fundado em 1999 por Olegário Fernandes da Silva. Outros grandes nomes do segmento como José Soares da Silva (Dila), Vicente Vitorino e Manuel Basílio de Lima figuram no contexto.

Nos anos 1950, a produção de bolos destaca-se, com as famosas “boleiras”, que expunham bolos de goma, de mandioca, broas, suspiros e alguns artigos que seriam resgatados em projeto patrocinado pelo Iphan que será abordado adiante. Foi também o período em que Onildo Almeida tornou público o “Hino da Feira”, o seu baião “A Feira de Caruaru”, sem dúvida o maior “jingle” composto até hoje como “peça publicitária” sobre os produtos vendidos na Feira. Por conta da música, Luiz Gonzaga vendeu mais de cem mil cópias do LP que lançou em 1957.

Como já mencionado e conforme será explicitado adiante, a Feira de Caruaru é, hoje, um sistema que articula diversas feiras. Em 1966, ela ocupava uma área de 2Km, e configurava-se pelas seguintes feiras: dos passarinhos, do fumo, das panelas, das frutas, das verduras, da carne, das bonecas, dos bolos, dos laticínios, dos artigos de couro, dos arreios para animais etc. Entre os anos 1970 e 1980 a Feira se expandiu muito.

Em 1992 o local original da Feira, em frente à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, não comportava mais o exorbitante crescimento. Decidiu-se, assim, pela sua instalação no local atual, no Parque 18 de Maio, entre os bairros Vassoural e Petrópolis. Tanto historicamente quanto no contexto contemporâneo, falamos, como dito, em “Feiras de Caruaru”. Na sua configuração atual, estão presentes todos os espaços citados no Dossiê de Registro.



Esboço da configuração atual do complexo de Feiras do Parque 18 de Maio, a partir do mapa turístico da Feira de Caruaru. Elaborado pela arqueóloga Elenita Helena Rufino em 2019.

5 - Ações de salvaguarda realizadas pelo Iphan – cronologia dos Planos de Ação

Conforme posto no Dossiê, já comendo a instrução do processo de Registro, foi inserido o Parecer nº 005/06-DPI/Iphan, de Márcia Sant'Anna, que estabeleceu algumas diretrizes de salvaguarda. Tais diretrizes incluíam questões relativas: “ao deslocamento das feiras das ruas do centro da cidade para o Parque 18 de Maio”; ao grande crescimento da quantidade de barracas; à infraestrutura; à limpeza e questões ambientais e de saneamento (o que inclui o Rio Ipojuca); à dinâmica das relações entre as diversas feiras; aos conhecimentos tradicionais; ao policiamento e segurança pública; ao apoio ao artesão (Dossiê, pp. 97-99).

Considerados os trabalhos de todas as gestões municipais desde o momento do Inventário, podemos afirmar que todos os temas mencionados aqui foram trabalhados, havendo grandes melhorias. Hoje, os trabalhos coordenados pela Secretaria Extraordinária da Feira (que serão tratados adiante) são um exemplo da crescente demanda e das preocupações da atual gestão. No sentido de se ter uma perspectiva do ponto de vista da Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, é indispensável consultar os anexos produzidos pelos técnicos da mesma, inseridos no presente processo. A Prefeitura de Caruaru é a grande gestora da Feira, que cresceu e recebeu muitas melhorias de infraestrutura, iluminação, policiamento, saneamento, etc.

No que tange ao Iphan, considerando-se tais diretrizes de salvaguarda, as demandas dos detentores locais e gestores municipais (sobretudo a Fundação de Cultura e Turismo), iniciou-se a implementação do Plano de Salvaguarda da Feira de Caruaru em 2007. Desta feita, ações pontuais foram sendo pensadas, no sentido de atender a demandas específicas, e considerados os limites orçamentários do Iphan, conforme abordadas a seguir.

2007

a) Cerimônia de Titulação da Feira de Caruaru como Patrimônio Cultural do Brasil

O momento do anúncio oficial da homologação da inscrição da Feira de Caruaru no Livro dos Lugares, tornando-se, assim, Patrimônio Cultural do Brasil, pode ser tomado como a primeira iniciativa no sentido da promoção do bem. O momento precedente, ou seja, a aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, como a primeira ação de Salvaguarda. A cerimônia, realizada na Feira de Caruaru em fevereiro de 2007, reuniu representantes dos detentores do bem cultural, das três esferas de governo, de órgãos e associações parceiros, empresas e sociedade civil. Foi um importante momento de mobilização, com a presença do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, que, declaradamente, teve na Banda de Pífanos de Caruaru uma das fontes de inspiração para a criação da Tropicália. Também com a presença de representantes de muitos dos segmentos das formas de expressão, saberes e celebrações associados à Feira de Caruaru, o evento tornou-se, como dito, uma importante ação de promoção. Expressões como a Literatura de Cordel, a Cantoria de Viola, as Matrizes Tradicionais do Forró e a Arte Figurativa do Alto do Moura, hoje trabalhados em processos independentes pelo Iphan, foram contemplados.



Composição da mesa na cerimônia de titulação da Feira de Caruaru com a presença do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, do Governador de Pernambuco, Eduardo Campos e do Prefeito de Caruaru, Tony Gel. 2007, Acervo Iphan – PE.



O Ministro Gilberto Gil canta na cerimônia de titulação da Feira de Caruaru. 2007. Acervo Iphan – PE.

b) - Plano de Salvaguarda da Feira de Caruaru: formando parcerias

No momento imediatamente posterior ao anúncio e divulgação do Registro, com base nas indicações iniciais do Dossiê, um projeto do Plano de Ação do Iphan foi aprovado no sentido de “saber quais as condições da Feira de Caruaru” e “qual a visão da população em geral e dos feirantes em particular”, no sentido de compreender se as condições de sustentabilidade do bem apresentavam algum risco à sua continuidade. A metodologia utilizada foi a aplicação de entrevistas com pessoas de segmentos fundamentais dentro e fora da Feira, incluindo Comércio, Indústria, Turismo, Gastronomia, Artesanato (sobretudo no Alto do Moura). O projeto foi elaborado pela servidoras Mabel Leite Maia Neves Baptista e Maria das Graças Carvalho Villas, e coordenado pelo historiador José Euzébio Ferreira. Para a realização das entrevistas foram contratados alunos do 6º período da Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. A partir da transcrição das entrevistas foi possível chegar a determinados indicadores estabelecer critérios para algumas ações a serem desenvolvidas no quinquênio 2007-2011. Foram analisadas desde questões relativas à infraestrutura até questões ambientais. Quase todas as análises serviram de base para muitas das ações realizadas posteriormente. Ou seja, a ação foi uma forma de objetivar questões de salvaguarda e seus resultados se configuram na série de ações apresentadas a seguir e também no relatório da Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru, anexado ao processo SEI nº 1498.000710/2017-12, por meio do processo SEI nº 01498.900542/2017-59. Os recursos do projeto foram provenientes do Plano de Ação 2006-2007, num orçamento total de R\$19.999,60 (dezenove mil, novecentos e noventa e nove reais e sessenta centavos).

c) 1º Concurso de Literatura de Cordel

Esta ação foi desenvolvida considerando-se a importância da forma de expressão Literatura de Cordel no contexto da Feira de Caruaru. Conforme posto na exposição acerca do objeto de Registro, a Feira abriga, desde 1999 até os dias atuais, o Museu do Cordel. Houve ampla divulgação do edital (Edital de Concurso Nº 01/2007) e foi formada comissão especial para julgamento dos cordéis.

Com mais de trinta inscritos, foram eleitos três cordéis que receberam premiação no valor de R\$ 1.000,00 (mil reais) cada, além da impressão de 500 (quinhentos) exemplares de cada um dos três. Outros trinta concorrentes não receberam prêmios, mas tiveram seus cordéis publicados.



Cartaz de divulgação do Edital. 2007. Acervo Iphan – PE.



O Museu do Cordel no Parque 18 de Maio. Foto: George Bessoni, 2019.

2008

d) Feira de Produtores de Guloseimas Artesanais de Caruaru

Esta ação foi desenvolvida durante todo o ano de 2008, tendo sido a fase de execução propriamente dita deflagrada entre os meses de agosto e dezembro. O objetivo geral foi o de “resgatar a identidade cultural da gastronomia tradicional local, através do aumento da produtividade e divulgação das iguarias manufaturadas no município”. Além disso, buscava-se a capacitação da mão-de-obra envolvida.

Em meados de 2007, percebendo a necessidade de inventariar alguns produtos vendidos na Feira com sério risco de desaparecimento, a Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru havia realizado uma ação junto com o Iphan – PE, no sentido de promover esses bens pertencentes ao contexto da Feira de Caruaru. Assim, de uma parceria entre a Prefeitura de Caruaru, o Sebrae, o Senac e o Iphan, foram realizadas cinco edições de uma feira de produtores artesanais que resultou no cadastro de produtores, promoção dos produtos, surgimento de parcerias, aumento nas vendas, entre outros aspectos da salvaguarda. Foram trabalhados os saberes associados aos seguintes produtos artesanais: mariola, bolo de macaxeira, bolo de saia, bolo barra branca, alfenim, pirulito colorido, bolo inglês, colchão de noiva, amendoim e castanha caramelizados, doces caseiros e broas.

O custo total do projeto foi de R\$ 78.000,00, incluindo-se folheteria, capacitação de mão-de-obra, locação de tendas, locação de tabuleiros, contratação de atrações culturais, marketing e divulgação. O projeto foi exitoso e muitos dos objetivos previstos foram atingidos.



Abertura da Feira em agosto de 2008 com a participação dos técnicos do Iphan – PE. Acervo Iphan – PE.



O espaço físico da Feira na primeira edição. 2008. Acervo Iphan – PE.

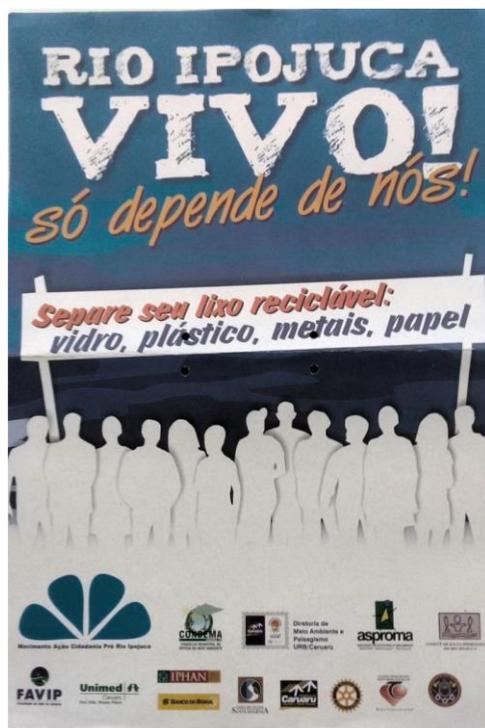
e) Movimento Ação e Cidadania Pró Rio Ipojuca

No ano de 2007, considerando ainda as consequências da Rio 92 no âmbito das políticas de Meio Ambiente, foi elaborada uma Agenda 21 Local, com base em parâmetros do Ministério do Meio Ambiente. Esta constou de um diagnóstico sobre a realidade local e os problemas ambientais.

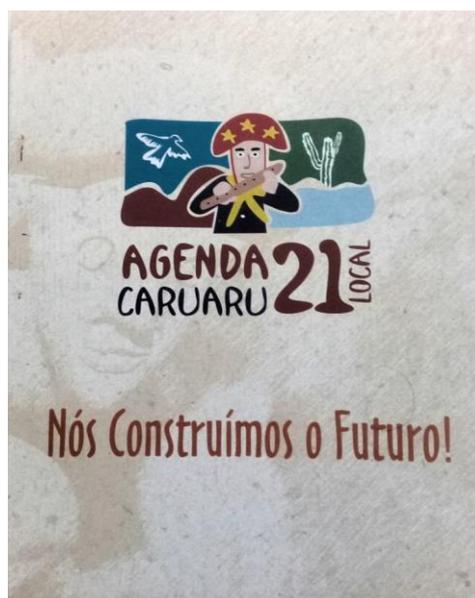
Retirada da “Dimensão 2 – Infra-Estrutura e Integração” da Agenda 21 Local, uma das principais ações nesse sentido foi deflagrada no ano de 2008, após uma série de reuniões que firmaram uma parceria público-privada. O foco da ação foi o rio Ipojuca, que corta a Cidade / Município e também a Feira. Entre os parceiros estavam a Unimed, Banco do Brasil, Iphan, Prefeitura de Caruaru e Condema / Caruaru. Foi criado o Movimento Ação Cidadania Pró Rio Ipojuca, com ações que foram desde a limpeza

das margens do rio e conscientização da população, até oficinas de reciclagem de materiais.

Esta ação não envolveu recursos orçamentários do Iphan. Houve participação efetiva dos técnicos da Superintendência em Pernambuco em todas as etapas.



Cartaz do projeto "Ação Cidadania Pró Rio Ipojuca". 2008. Acervo Iphan – PE.



Capa da Agenda 21 Local / Caruaru. 2008. Acervo Iphan – PE.



Equipe do projeto em ação de limpeza das margens do rio na área da Feira. 2008. Acervo Iphan – PE.



Ação educativa com alunos da rede pública. 2008. Acervo Iphan – PE.



Equipe técnica do projeto. 2008. Acervo Iphan – PE.

2009

f) - Formação de Guias Mirins para a Salvaguarda da Feira de Caruaru

Esta ação foi realizada no ano de 2009, tendo sido formulada pelas servidoras Maria das Graças Carvalho Villas e Mabel Leite Maia Neves Baptista em parceria com a Secretaria de Educação de Caruaru e a Escola Municipal Machadinho, e desenvolvida pela turismóloga Maria Isabel Bezerra dos Santos (contratação de pessoa física, no valor de R\$ 7.200,00; sete mil e duzentos reais). O objetivo geral foi o de formar guias mirins para o atendimento de turistas na Feira de Caruaru. Como público-alvo, foram selecionados 20 (vinte) alunos da Escola Municipal José Florêncio, em Caruaru – PE. Como público beneficiário, turistas, feirantes e população local, esperando-se um incremento nas vendas e promoção da Feira enquanto produto turístico.

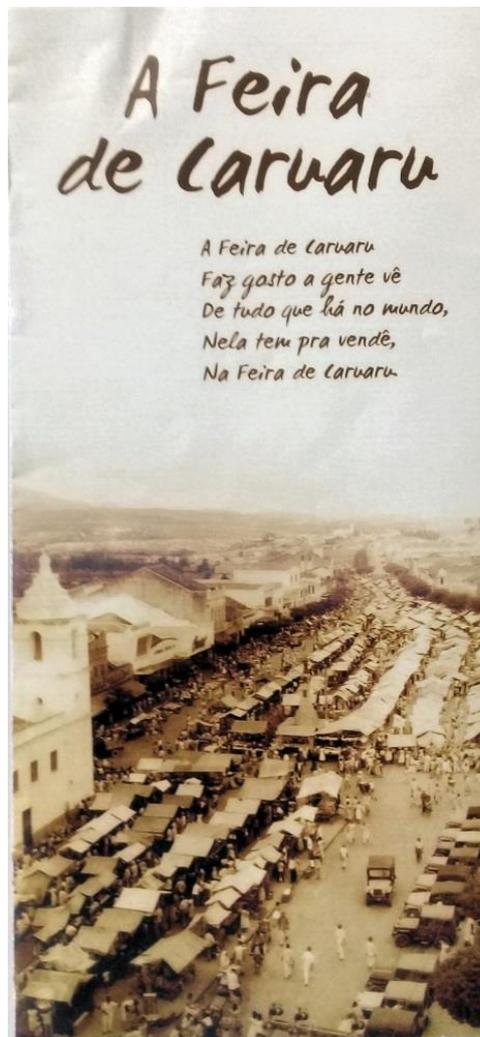
Entre os meses de maio e setembro de 2009 foram ministradas aulas de Turismo, História, Português e Inglês, com alto índice de presença dos alunos, que cursavam entre o 7º e o 9º anos do Ensino Fundamental. Entre os temas trabalhados, destacam-se conteúdos relativos a cidadania, ética, atribuições do guia de turismo entre outros. O projeto foi concluído com êxito e os resultados foram considerados satisfatórios – sobretudo considerando-se a inserção de estudantes de Caruaru que passaram a enxergar a Feira com o olhar do Turismo e da Educação Patrimonial. Em entrevista recente com as servidoras do Centro de Informações Turísticas da Feira, foi citado como projeto de alta relevância, afirmando as mesmas que uma reedição seria excelente para a Feira.



Estudantes do projeto “Formação de Guias Mirins” em final de aula. 2009. Acervo Iphan – PE.



Estudantes do projeto “Formação de Guias Mirins”. 2009. Acervo Iphan – PE.



Capa de folder promocional utilizado no período de realização do projeto “Formação de Guias Mirins”, contendo fotografia histórica da Feira em seu local de surgimento, nos arredores da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. 2009. Acervo Iphan – PE.



Centro de Informações Turísticas, na Feira do Artesanato. Foto: Romero de Oliveira, 2019.

g) Primeiro Seminário de Educação no Trânsito de Caruaru – Educação no Trânsito, Responsabilidade de Todos

Considerando-se que desde o ano de 1994 a Prefeitura de Caruaru vem realizando a Semana Nacional do Trânsito, a edição do ano de 2009 incluiu o “1º Seminário de Educação no Trânsito de Caruaru”, com o tema “Educação no Trânsito, Responsabilidade de Todos”. Considerando que a questão da mobilidade urbana é tema de central importância para a realização de Feira de Caruaru, o Iphan tornou-se parceiro da ação.

As ações, todas voltadas para o tema da segurança no trânsito, incluíram a produção de cordéis, a realização de oficinas teatrais, passeios ciclísticos, cursos, seminários. Tudo ocorreu entre os dias 18 e 25 de setembro de 2009, em diversos locais de Caruaru, incluindo a própria Feira. Entre os parceiros estavam a Secretaria de Educação de Caruaru, a Diocese de Caruaru, a Academia Caruaruense de Cordel, entre outros.

Não foram utilizados recursos do Iphan nesta ação. Os técnicos participaram diretamente na execução do projeto.

2010

h) Implantação do Pontão de Cultura da Feira de Caruaru – Casa José Condé

Esta ação prosseguiu entre os anos de 2008 e 2012, a partir da assinatura do Convênio nº 702219/2008, firmado entre o Iphan e a Prefeitura de Caruaru. O valor total do Convênio foi de R\$390.368,00 (trezentos e noventa mil, trezentos e sessenta e oito reais), havendo contrapartida de R\$39.046,80 (trinta e nove mil e quarenta e seis reais e oitenta centavos) e repasse de R\$351.321,20 (trezentos e cinquenta e um mil, trezentos e vinte um reais e vinte centavos). Os recursos foram oriundos do Programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura, que possuía duas linhas básicas: o Ponto de Cultura e o Pontão de Cultura. No caso do Pontão, o programa voltava-se para Bens Registrados em âmbito federal, no sentido de desenvolver ações de Salvaguarda.

O objetivo principal no caso da Feira de Caruaru foi criar um Centro de Referência com o objetivo de trabalhar atividades que possibilitassem a promoção e valorização de aspectos culturais da Feira, bem como a transmissão de saberes e formas de expressão que tivessem ligação com o universo cultural do bem. Foi escolhido o imóvel batizado Casa José Condé, pelo fato de estar dentro da própria Feira (no Parque 18 de Maio) e já ser um equipamento cultural público que necessitava de melhor uso.

Em 2010 foram realizadas obras no imóvel e aquisição de equipamentos, incluindo a recuperação de um teatro. Hoje o equipamento é conhecido como Casa de Cultura José Condé. Dentre as atividades desenvolvidas até o presente, podemos citar: iniciação à informática para feirantes; oficinas de artesanato em barro; oficina de mamulengo; concurso de literatura de cordel; feiras de comidas tradicionais; aulas de instrumentos musicais, entre outras. Atualmente, o centro cultural está em obras de melhoria de sua estrutura física, e recebe, em uma de suas salas, em caráter provisório, a Casa de Farinha, que, por sua vez, também se encontra em obras.



Casa José Condé, no Parque 18 de Maio / Feira de Caruaru. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Casa José Condé, no Parque 18 de Maio / Feira de Caruaru. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Instalações provisórias do Mercado de Farinha em parte da Casa José Condé. Foto: Romero de Oliveira, 2019.

2011

i) Fórum como ação de fomento à Feira de Caruaru, viabilizando a implantação de um Comitê Gestor

Esta ação foi realizada a partir de recursos previstos no Plano de Ação de 2010, no valor de R\$ 37.851,65 (trinta e sete mil, oitocentos e cinquenta e um reais, sessenta e cinco centavos). Consistiu na elaboração de um plano e realização de um Fórum para viabilizar a estruturação de um Comitê Gestor para a gestão de ações de salvaguarda para a Feira de Caruaru. Para tal, a empresa Plano Consultoria e Marketing, contratada

através de licitação, trabalhou conjuntamente com a Prefeitura de Caruaru e o Iphan – PE.

Foi elaborada identidade visual específica, materiais, lista de convidados e estruturado o Fórum, que ocorreu nos dias 09 e 10 de novembro de 2011, no auditório do Hotel Eduardo de Castro. Houve a participação do Iphan, da Prefeitura de Caruaru, de representantes dos segmentos da Feira e da sociedade civil. A tentativa era de estabelecer um “planejamento estratégico de sustentabilidade da Feira de Caruaru”. O Fórum foi realizado com a “proposta de construção coletiva e participativa destacando a característica democrática das ações de salvaguarda”.

Apesar de todos os esforços de negociação, não se chegou a um consenso visto que a gestão da Prefeitura de Caruaru naquele momento optou por instituir o Comitê de forma deliberativa. Parte das discussões foi gravada e cópia das gravações consta do material entregue pela Plano Consultoria e Marketing ao Iphan – PE. Muitos dos segmentos não se sentiram representados e não foi possível formar um Comitê Gestor de forma mais participativa, conforme previsto nas políticas de salvaguarda do Iphan.



Composição da mesa. Projeto “Ação de Fomento à Formação do Comitê Gestor”, 2011. Acervo Iphan – PE.



Fala da representante do DPI, Natália Brayner. Projeto “Ação de Fomento à Formação do Comitê Gestor”, 2011. Acervo Iphan – PE.

2016

j) Lançamento do Dossiê em versão oficial - Casa José Condé

No ano de 2016, com a edição do Dossiê da Feira de Caruaru no formato da série oficial do Iphan, os servidores do Iphan – PE organizaram o lançamento do mesmo na Casa de Cultura José Condé, localizada na Feira de Caruaru. Na ocasião, foram realizadas apresentações culturais e um debate acerca do tema. Foram entregues 600 (seiscentos) exemplares da publicação para que a equipe da Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru realizasse sua distribuição para acervos de instituições de toda a região.



Apresentação de alunos de acordeom do Centro José Condé no dia do lançamento da versão oficial do Dossiê de Registro. 2016. Acervo Iphan – PE.

Tabela 1 - Classificação dos projetos realizados - eixos estabelecidos na Portaria 299 2015			
Eixo	Ação (tipologia)	Projeto	Ano
Eixo 1 – Mobilização Social e Alcance da Política	1.2. Articulação e Política Integrada	Plano de Salvaguarda da Feira de Caruaru: formando parcerias	2007
Eixo 2 – Gestão Participativa no processo de salvaguarda	2.1. Apoio à criação e manutenção de coletivo deliberativo e elaboração de Plano de Salvaguarda	Fórum como ação de fomento à Feira de Caruaru, viabilizando a implantação de um Comitê Gestor	2011
Eixo 3 – Difusão e Valorização	3.1. Difusão sobre o universo cultural do bem Registrado	Cerimônia de Titulação da Feira de Caruaru como Patrimônio Cultural do Brasil	2007

		Lançamento do Dossiê em versão oficial – Casa José Condé	2016
	3.3 Ação Educativa para diferentes públicos	Movimento Ação e Cidadania Pró Rio Ipojuca	2008
		Formação de Guias Mirins para a Salvaguarda da Feira de Caruaru	2009
		1º Seminário de Educação no Trânsito de Caruaru	2009
Eixo 4 – Produção e Reprodução Cultural	4.2. Apoio às condições materiais de produção do bem cultural Registrado	Feira de Produtores de Guloseimas Tradicionais de Caruaru	2008
	4.3. Ocupação, aproveitamento e adequação de espaço físico para Centro de Referência	Pontão de Cultura da Feira de Caruaru – Casa José Condé (Convênio)	2008-2012

6 – As feiras: análise da sua situação atual em relação ao período do Registro

Como foi colocado no Dossiê de Registro da Feira, apesar de falar-se “na Feira” de Caruaru, este bem cultural é, na verdade, um sistema de feiras agrupadas no Parque 18 de Maio e seu entorno: “A Feira de Caruaru, na verdade, são muitas feiras que compõem um Lugar de referência viva da história do agreste pernambucano” (Dossiê, p. 15). O número de feirantes chega, conforme informação do Secretário Especial da Feira, Sr. José Pereira (em entrevista concedida em outubro de 2019) a 12 mil pessoas. Além disso, a Feira do Gado (que fica entre a cidade e o Alto do Moura), devido ao fato de seu pioneirismo na formação da cidade e sua importância no fornecimento de insumos fundamentais para a Feira (carnes, couros), está incluída nesse sistema. Por fim, o Alto do Moura figura como bem associado, considerando-se as claras conexões dos complexos culturais, sobretudo da arte figurativa, mas também das bandas de pífano e da gastronomia e sua dinâmica relacionada com o contexto do Parque 18 de Maio.

Na presente análise, seguiremos a mesma sequência utilizada no Dossiê, no sentido de facilitar a análise comparativa. De saída, salientamos que nenhum setor da Feira inventariado no período do Registro deixou de existir.

a) A Feira do Artesanato

A Feira de Artesanato permanece como a mais forte referência dentre todas as que compõem o complexo da Feira de Caruaru. Precisamente por isso, em um dos seus acessos foi instalado o pórtico que identifica a Feira de Caruaru como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, bem como uma escultura do compositor caruaruense Onildo Almeida, que a imortalizou no baião “A Feira de Caruaru”.

São muito presentes nela hoje todos os produtos mencionados no Dossiê: artigos em couro, arte figurativa em barro, objetos utilitários, arte da renda, brinquedos populares, artigos de palha, produtos em madeira, literatura de cordel, imagens sacras, entre outros (Dossiê, pp. 55-56). Há, ainda, diversas opções de pratos da culinária tradicional, como a carne de bode, o sarapatel, a buchada, além da venda de cachaças.



Carnes de porco e bode preparadas na brasa.

Os produtos são oriundos não apenas de Caruaru, como também de municípios próximos (como Passira e Pesqueira, em Pernambuco), além de outros estados, como o Ceará. Permanece, também, o hábito de os artesãos produzirem peças nas próprias barracas, ao mesmo tempo em que os comercializam, conforme colocado pela Diretoria da Associação de Artesãos em entrevista em outubro de 2019. A Feira continua funcionando diariamente (apesar de oficialmente de segunda a sábado), e tem no feriado de páscoa, no período junino e nas festas de fim de ano seus períodos

de pico de vendas. A venda de pontos comerciais (os chamados “bancos”) são raríssimas, o que denota a permanência da tradição familiar.

Percebemos uma mudança, apontada pelos detentores entrevistados: enquanto no Dossiê o comércio do “artesanato figurativo feito em barro” é abordado como um dos mais procurados, atualmente os compradores (sobretudo turistas), vão diretamente ao Alto do Moura adquirir tais peças. Os feirantes do Artesanato não veem tal mudança como algo negativo, mas acenam para o fato de que o Alto do Moura tem sido bem mais promovido pelo poder público municipal do que a Feira do Artesanato. Tais mudanças relacionam-se com o questionamento levantado na Nota 001/2019/DPI: “Qual a atual situação do Alto do Moura? Quais são seus vínculos com a feira, nos dias de hoje?” Retomaremos a questão ao tratarmos do tema Alto do Moura.

Destaque-se que, para atrair turistas e animar a Feira de Artesanato, sobretudo aos sábados, dia semanal de maior movimento, a AACFAC contrata duas bandas de pífano da cidade, com recursos próprios do arrecadado entre os associados, para executarem apresentações pelos corredores da feira. Um dos pontos levantados pelos detentores entrevistados é a necessidade de se investir mais em promoção e divulgação da Feira de Caruaru, e da Feira de Artesanato em particular. Isto pode tornar-se um tema a ser trabalhado no futuro com a Secretaria Extraordinária da Feira.

Houve, também, muitas melhorias, como é o caso da instalação de novos banheiros, que são mantidos sempre higienizados. Para seu uso, é cobrada uma taxa simbólica de R\$ 1,00 (um real), gerando-se um fundo administrado pela Associação dos Artesãos da Feira do Artesanato de Caruaru, que conta com 165 associados¹. Tal fundo serve hoje, inclusive, para a manutenção de uma brigada de bombeiros civis que atuou de forma exemplar num dos últimos incêndios ocorridos, que foi contido ainda no foco. Também as taxas do pequeno estacionamento à entrada da Feira do Artesanato são revertidas para a Associação, que mantém inclusive um plano de saúde para os associados, além de investir em segurança privada para as barracas do setor.

1 Dados de entrevista realizada em 01.10.2019, com a diretoria da Associação dos Artesãos e Comerciantes da Feira de Artesanato de Caruaru – AACFAC.



Novos banheiros. Foto: Romero de Oliveira, 2019.

A equipe do Centro de Informações Turísticas, que funciona na área da Feira do Artesanato, destacou a qualidade do projeto “Formação de Guias Mirins para a Salvaguarda de Feira de Caruaru”, implementado pelo Iphan em 2009, e citado no conteúdo da Nota 001/2017 incorporado ao presente parecer, conforme já colocado na abordagem das ações realizadas pelo Iphan.

Dentre os problemas atuais levantados, foi destacado o da pouca quantidade de vagas no estacionamento da Feira. Tal problema decorre da venda, em 2004 (portanto anteriormente ao Registro), de área pública utilizada para o estacionamento de ônibus de turismo, na Av. Lourival José da Silva, para a instalação do centro de comércio de confecções Fábrica da Moda. Tal fato teve consequências negativas para o comércio na Feira, visto que dificultou sobremaneira a chegada de ônibus de turistas ao local. Segundo os diretores da Associação entrevistados, nos anos seguintes gestões municipais tentaram amenizar a situação negativa provocada pelo fim do estacionamento de ônibus liberando áreas lindeiras à Feira do Artesanato para estacionamento de veículos. O resultado, na avaliação deles, foi uma melhora tímida na frequência de turistas à Feira. Já no Alto do Moura, devido à grande disponibilidade de área livre, foi estruturado um grande estacionamento para ônibus de turismo. De maneira que muitas empresas que trabalham com as rotas tradicionais passaram a frequentar este último, em detrimento da Feira de Artesanato. Apesar de não encarrarem isso como um problema (a arte figurativa em barro ser adquirida fora do contexto da Feira do Artesanato), a Presidente da Associação não deixou de pontuar a questão. Outro problema apontado foi o do crescimento da atividade de artesanato de forma mais massificada, com o surgimento de diversas feiras de grande porte no Brasil. Em Pernambuco, a Fenearte, que ocorre há 20 anos no Centro de Convenções, no Recife, por exemplo. Trata-se de tema complexo, que demandará estudos futuros.

Problemas de segurança também foram levantados pelos detentores. Considerando o contexto muito amplo da Feira de Caruaru, torna-se muito difícil o seu policiamento.

Para dirimir esse problema, a Associação contratou, ela própria, conforme supramencionado, seguranças para as barracas desse setor. Não obstante, constatamos durante as idas a campo rondas policiais sendo feitas à Feira de Caruaru, em diferentes horários do dia e setores, tanto com uso de viaturas quanto com policiais a pé.

Em termos econômicos, a diretoria foi unânime em afirmar que o momento atual é de crise, causada, segundo ela, pela diminuição de clientes e pela violência urbana (particularmente assaltos) crescente no local.



Brinquedos populares: mané-gostoso. Citado no Dossiê, continua a ser largamente comercializado. Foto: George Bessoni, 2019.



Um dos acessos à Feira de Artesanato: os bonecos de Vitalino permanecem como referência. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Arte figurativa em barro, na Feira do Artesanato. Foto: George Bessoni, 2019.



Artesanato em couro. Foto: George Bessoni, 2019.

b) A Feira do Gado

A Feira do Gado, localizada no bairro do Cajá, é considerada de extrema importância, apesar de ser a única apartada espacialmente do complexo do Parque 18 de Maio. Caruaru surgiu do comércio de gado do Agreste e Sertão com a Zona da Mata. Como posto no Dossiê: “sua importância é ímpar porque a criação do gado deu origem ao povoamento da região, constituiu a cidade de Caruaru, ocasionou o crescimento paulatino do comércio de gêneros de primeira necessidade, de vestuário, de artigos domésticos em geral, enfim, da grande Feira.” (Dossiê, p. 57).

A Feira do Gado tradicionalmente se organiza nas madrugadas da segunda para a terça-feira e assim permanece atualmente. Trata-se de uma das maiores feiras de gado do Brasil. Os mesmos produtos comercializados na época do Registro permanecem. Negociam-se o gado bovino, cavalos, bodes, artigos de couro (selas, arreios, botas, gibões). Os números variam, de semana a semana, superando-se sempre a marca dos milhares de animais. Podemos afirmar que a Feira do Gado permanece viva e com a mesma importância dentro do complexo da Feira de Caruaru que na época do Registro. Para receber os comerciantes e vendedores, há restaurantes que servem comida regional variada no café da manhã (com destaque para as carnes servidas, à mostra em menus situados em frente a alguns desses estabelecimentos, como bode guisado, bisteca assada, galinha guisada; acompanhadas por alimentos típicos do interior do Nordeste, como cuscuz de milho, inhame cozido, macaxeira cozida).



Placa de identificação da Feira do Gado. Foto: George Bessoni, 2019.



Comercialização de artigos diversos relativos ao trato do gado. Foto: George Bessoni, 2019.



Comércio de gado bovino. Foto: George Bessoni, 2019.



Comércio de rações em larga escala. Foto: Romero de Oliveira, 2019.

c) A Feira da Sulanca

A Feira da Sulanca, que fica em área contígua à Feira do Artesanato, é um espaço voltado para a comercialização da grande produção de confecções das cidades do Agreste que se industrializaram, “incluindo malharias, *jeans*, camisaria, roupa íntima, *sport wear* e banho” (Dossiê, p.61). Os destaques são Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. No período do inventário a Feira da Sulanca ocorria nas madrugadas da segunda para a terça-feira. Atualmente ela ocorre nas madrugadas do domingo para a segunda-feira.

Apesar de não ter tido nenhuma alteração em seu segmento comercial, em termos de estrutura e logística, a Feira da Sulanca foi bastante modificada. No ano de 2017 foi iniciado um projeto de reordenamento que a tornou mais organizada, limpa e segura. Trata-se de local de grande volume de comércio e de grande importância para a cidade.

Neste sentido, a Feira da Sulanca é um caso que se enquadra na resposta ao questionamento levantado na Nota 002/2019/DPI: “Como se encontra, mais de dez anos depois, o perímetro espacial da feira? Novos setores comerciais surgiram ao longo desse período? Novas subdivisões se incorporam àquelas identificadas no momento do registro?” Isto porque a Sulanca foi estruturada em um novo terreno contíguo às demais feiras do Parque 18 de Maio, a partir de tratativas da Prefeitura de Caruaru com a iniciativa privada, no sentido de alocar de maneira segura e ordenada todos os comerciantes.

Acerca de questão levantada na Nota 002/2019/DPI acerca da dinâmica entre os setores da Feira, devemos destacar que o grande fluxo de pessoas no dia da Sulanca acaba por influenciar no volume de vendas dos demais setores da Feira. Como bem coloca o Secretário Extraordinário da Feira, Sr. José Pereira: “O território Parque 18 de Maio, que compõe o conjunto das Feiras, permanece”. Houve, contudo uma ampliação da Sulanca, hoje com 5.400 barracas, com padronização, infraestrutura de banheiros, lanchonetes, estacionamento, etc. José Pereira afirma que há um forte elo econômico entre este novo setor e o tradicional, devido ao fato de que, quando o cliente vem comprar na Sulanca, devido ao fato da contiguidade das feiras, acaba indo em busca da gastronomia, do artesanato, etc.



Instalações atuais da Feira da Sulanca, com novas barracas. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Instalações da Sulanca, 2019.

d) A Feira do “Paraguai” ou de Importados

Conforme descrito no Dossiê, a chamada “Feira do Paraguai” ou de Importados tem a maior parte dos seus produtos advindos de outros países. Nela, são comercializados relógios, carteiras, rádios, pilhas, dentre outros produtos. Apesar do seu “apelido”, de fato, a maior parte dos produtos ali comercializados veem da China. Esta Feira permanece tão viva quanto no momento da realização do Inventário, tendo no seu dia mais forte o dia da realização da Sulanca (às segundas-feiras). O comércio permanece nos mesmos locais do período do Inventário.



Feira do Paraguai. Foto: Felipe Peres Calheiros.

e) Feira de Frutas e Verduras

A chamada Feira de Frutas e Verduras constitui-se numa série de pequenas alamedas no interior do Parque 18 de Maio, em que são comercializados vegetais como cebola, tomate, coentro, pimentão, batata, caju, pinha, dentre diversos outros. Ela permanece com os mesmos produtos, que são consumidos, inclusive, por muitos dos feirantes dos mais diversos segmentos. A princípio, podemos afirmar que não houve mudanças significativas do período de realização do Inventário para os dias atuais, exceto os dias de funcionamento, que eram às quartas e sábados, agora ocorrendo diariamente.

Da mesma forma que as demais feiras, o volume de vendas é afetado pela dinâmica entre as feiras e os dias de funcionamento. De fato, muitos dos comerciantes acabam comprando frutas e verduras desses setores para consumo próprio.



Feira de Frutas e Verduras. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Feira de Frutas e Verduras. Foto: George Bessoni, 2019.

f) Feira e Ervas Medicinais

A Feira é descrita no Dossiê como “um local que abriga práticas importantes, do ponto de vista das tradições da medicina popular”. (Dossiê, p. 64). Nela, são comercializadas ervas como “aroeira, angico, arruda, alecrim, babosa, hortelã-miúda, capim santo, entre outras”. Há, ainda, medicamentos caseiros, como lambedores e garrafadas. Constatamos que a feira permanece no local indicado no Dossiê, e ainda são comercializados os mesmos produtos.

Dentre as mudanças, verificamos a modernização de letreiros e estrutura de algumas barracas, apesar de haver outras nos moldes mais tradicionais. Os problemas acerca da segurança pública levantados no Dossiê, permanecem como uma demanda atual. A venda de produtos nos moldes tradicionais, utilizando-se pregões e explicitando-se as propriedades medicinais das ervas. Outro aspecto que deve ser salientado é a permanência do comércio de produtos relacionados às religiões de matrizes africanas e indígenas.



Aspecto de algumas barracas e letreiros da Feira de Raízes e Ervas Medicinais.



Barraca tradicional da Feira de Raízes e Ervas Medicinais.

g) Feira do Troca-Troca

Trata-se de um setor bastante informal da Feira, cujo principal comércio se baseia no escambo. A Feira ocorre sempre aos sábados, desde o período do Registro. Nessa Feira são comercializados sobretudo produtos de segunda mão: bicicletas, bolsas relógios, produtos eletrônicos, etc.

Ela representa a permanência de uma prática muito comum no período colonial, devido à pouca circulação de moeda. Podemos afirmar que a Feira do Troca permanece basicamente com os mesmos produtos, funcionamento e referências que no momento do Registro.

Algumas melhorias foram implementadas pela Prefeitura de Caruaru: instalação de câmeras de segurança; alto-falantes para anúncios; construção de boxes para maior segurança na guarda dos produtos, entre outros.



Feira do Troca-Troca. Foto: Felipe Peres Calheiros.

h) Feira de Flores e Plantas Ornamentais

Nessa Feira são comercializadas sobretudo flores produzidas nas cidades mais altas no entrono de Caruaru. Flores como o monsenhor, a calábria, a celsa e gladiolo são muito procurados. A Feira de Flores ocorre durante toda a semana, diferente do período do Registro, quando só ocorria aos sábados. As datas comemorativas em que o ocorrem os picos de venda são o Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Namorados e Natal. Trata-se de um setor pequeno se considerado o conjunto da Feira de Caruaru, mas que possui importância no conjunto das referências da Feira e mantém suas características.



Feira de Flores e Plantas Ornamentais. Foto: Felipe Peres Calheiros.

i) Feira do Couro

A Feira do Couro está diretamente ligada a uma das mais antigas atividades econômicas de Caruaru, dentro do ciclo do gado. O couro é das primeiras matérias-primas historicamente comercializadas em Caruaru. Alguns dos produtos são confeccionados no próprio local de comércio.

De certo modo a Feira do Couro adentra a Feira do Artesanato, haja vista que muitos dos seus produtos – Sandálias, bolsas, calçados, gibões, chapéus, utensílios são comercializados no setor de produtos artesanais. De maneira que a Feira segue como um importante setor e referência fundamental do complexo de feiras, ocorrendo durante toda a semana.



Produtos de Couro. Foto: George Bessoni, 2019.

j) Feira de Confecções Populares

Diferente da Sulanca, a Feira de Confecções Populares, bem menor, ocorre de segunda a sábado no Parque 18 de Maio. Muitos dos produtos comercializados na Sulanca também compõem o estoque desta Feira: roupas, lençóis, artigos para bebês, toalhas, etc. De maneira que esta Feira permanece como referência semelhante à Sulanca, mudando-se apenas a escala e a periodicidade.



Produtos da Feira de Confeções. Foto: George Bessoni, 2019.

k) Feira de Bolos, Goma e Doces

Esta feira possui uma importância diferenciada, devido ao fato de estar ligada à gastronomia regional. Tanto a Prefeitura de Caruaru quanto o Iphan dedicaram projetos especiais ao tema (feiras e promoção). A Feira de Doces continua funcionando de segunda a sábado, atraindo muitos compradores, sendo também referência fundamental no conjunto que compõe a Feira de Caruaru. Nela, são comercializados artigos diversos: bolos, queijos, doces, bolachas. Destacam-se produtos como a rapadura, o manuê, as bolachas de Alagoas, etc.



Rapaduras e Castanhas – Feira de Bolos, Goma e Doces. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Feira de Bolos, Gomas e Doces, Foto: George Bessoni, 2019.

l) Feira de Ferragens

Nesta feira são tradicionalmente comercializados artigos em metal conhecidos como flandres – chapas de zinco, latão e alumínio. Trata-se sobretudo de produtos utilitários ou ornamentais e alguns brinquedos. Os produtos utilitários incluem baldes, panelas, churrasqueiras, escorredores, funis, entre outros. Alguns objetos são produzidos de forma artesanal e outros comprados da indústria. O setor permanece em funcionamento no Parque 18 de Maio.



Feira de Ferragens. Foto: Romero de Oliveira, 2019.



Objetos de flandres. Foto: Aurélio Fabian.

m) Artigos de Cama Mesa e Banho

Trata-se de um setor que chama muito a atenção, sendo praticamente parte da Feira de Artesanato. Logo na entrada da Feira, compõe-se um setor dedicado a produtos como redes, toalhas, objetos utilitários, etc. É este setor que genericamente se chama de “cama mesa e banho”. De maneira que, permanecendo bastante vivo, enfrenta as mesmas questões levantadas acerca da Feira do Artesanato e da Feira como um todo.

Funciona durante toda a semana, assim como a Feira de Artesanato.



Produtos de cama, mesa e diversos. Foto: George Bessoni, 2019.

n) Feira do Fumo

A Feira do Fumo, por focar-se em um produto muito específico, possui um reduzido número de barracas próximas à Feira de Ervas. A Feira essencialmente continua da mesma forma, no mesmo local e com os mesmos objetivos. O que se percebe de mudança é a introdução, em algumas barracas, de produtos industrializados relativos ao tabagismo, como isqueiros recarregáveis importados, papéis especiais para enrolar cigarros, etc.

Mesmo assim, o fumo de rolo, produto mais tradicional da feira, continua sendo um dos mais comercializados.



Fumo de rolo. Foto: Romero de Oliveira, 2019.

o) Feira de Produtos Importados

Esta Feira, localizada nas proximidades da Feira de Artesanato, é caracterizada pelo comércio de produtos semelhantes à Feira do Paraguai. A diferença básica é o funcionamento, que ocorre durante os dias da semana, e não em um dia específico. Estando inserida no contexto do Parque 18 de Maio, compartilha das mesmas questões relativas à segurança, limpeza, saneamento, que as demais feiras do conjunto. Dentre os produtos comercializados atualmente encontram-se cds, dvds, máquinas fotográficas, relógios, etc.



Produtos eletrônicos em box na Feira. Foto: George Bessoni, 2019.

p) Mercado de Farinha

O Mercado de Farinha é uma importante referência da Feira de Caruaru, tanto por tratar-se de um prédio histórico, quanto pela importância da farinha de mandioca, produto que lhe dá nome e é largamente comercializado nele. Mas também são comercializados feijão, milho, arroz, entre outros.

O Mercado de Farinha foi incluído nas atuais obras para melhorias no Parque 18 de Maio. Assim, as atividades nele desenvolvidas, que permanecem tal qual no período do Inventário / Registro estão temporariamente na Casa José Condé, que fica em área fronteira ao mesmo. O comércio continua ocorrendo da segunda-feira ao sábado.

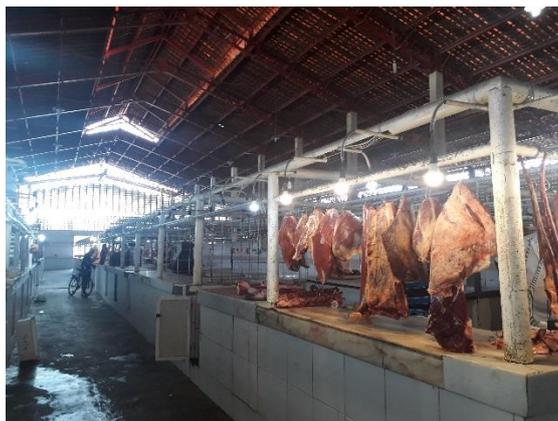


Mercado de Farinha em obras. Foto: Romero de Oliveira, 2019.

g) Mercado de Carnes

O Mercado de Carnes é uma grande construção localizada no Parque 18 de Maio, que se destina ao comércio da grande produção de carne de Caruaru e região, incluindo os matadouros próximos à Feira do Gado. Este fato é mais um que reforça a ideia de um sistema de feiras, compondo a “Grande Feira”. Negociam-se carne bovina, suína, caprina, de aves, entre outros produtos.

Do período de realização do Inventário até os dias atuais o Mercado de Carnes mantém suas características comerciais fundamentais. Como mudança, apenas o fato de que, com o crescimento do comércio na Feira, o Mercado, que tinha seu grande dia de comércio as quartas-feiras, passou a ter um funcionamento pleno durante toda a semana. De maneira que podemos afirmar que não houve mudanças significativas relativas a este setor da Feira.



Mercado de Carnes. Foto: George Bessoni, 2019.

r) Alto do Moura



Arte figurativa em barro de Manuel Eudócio. Foto: Aurélio Fabian / Acervo INRC, 2005.

O Alto do Moura, bairro situado a cerca de 7 km do centro de Caruaru foi incluído no Inventário de Registro da Feira de Caruaru devido ao fato de sua íntima ligação com o bem cultural em tela. Trata-se de um povoado que reúne um grande número de artesãos que trabalham a arte figurativa em barro. Deste segmento, destacam-se os expoentes já falecidos, Mestre Vitalino, Mestre Galdino e Manoel Eudócio.

Historicamente os artesãos do Alto do Moura sempre comercializaram seus produtos na Feira de Caruaru, tornando-se, inclusive, marca registrada da mesma. Há algumas décadas esses artistas já se organizam em Associação, a ABMAM – Associação dos

Artesãos em Barro e Moradores do Alto do Moura, com sede na Av. Mestre Vitalino, 107 - Alto do Moura, Caruaru – PE.

Precisamente com a maior organização associativa, veio também uma maior promoção do alto do Moura, ocorrendo um processo de mudança do período do Registro da Feira de Caruaru para os dias de hoje. Segundo os representantes da Associação dos Artesãos da Feira de Artesanato, a arte figurativa é hoje largamente comercializada diretamente no Alto do Moura. Além disso, como já comentado, os artesãos do Alto do Moura tem participado de grandes feiras de artesanato, das quais a maior é a Fenearte, que ocorre anualmente em Recife. Esse processo é muito importante de ser considerado e deverá ser incorporado às futuras políticas de salvaguarda, haja vista suas dimensões.



Localização do Alto do Moura em relação à Feira do Gado. Projeção no Google: Elenita Rufino, 2019.

7 - Perspectivas atuais de salvaguarda: a Secretaria Extraordinária da Feira de Caruaru

Ao abordarmos as perspectivas futuras de salvaguarda, devemos destacar a criação da Secretaria Extraordinária da Feira de Caruaru como um passo fundamental no atual processo de construção de novos projetos. Em entrevista com o Secretário José Pereira (em 01.10.2019), tivemos a oportunidade de ampliar a dimensão das perspectivas contemporâneas de atuação e salvaguarda.

A Secretaria Extraordinária da Feira de Caruaru cuida “principalmente dos recursos que foram conseguidos através do Governo Federal, para a melhoria da infraestrutura da Feira”. Há também um trabalho que congrega “várias secretarias envolvidas na Feira”. A exemplo, há um trabalho conjunto com a Secretaria de Serviços Públicos, devido ao fato dela se ocupar tanto com a limpeza urbana como com a iluminação pública na área da Feira.



Equipe do Iphan – PE e o Sr. José Pereira, Secretário Extraordinário da Feira de Caruaru, 2019.

Há também interface com questões relativas ao controle de trânsito e à Guarda Municipal, que atua diariamente na Feira. Nesse caso, o trabalho conjunto é com a Destra – Autarquia Municipal de Defesa Social, Trânsito e Transportes. No caso do trânsito, o trabalho conjunto da Secretaria Extraordinária da Feira com a Destra inclui a participação de 16 educadores de trânsito. Há ainda um trabalho conjunto com a Secretaria de Saúde, pois são colocadas ambulâncias disponíveis nos dias e horários de pico.

Com relação à segurança, informou-nos o Secretário que nos dias de realização da Feira da Sulanca o policiamento é reforçado, tendo sido formados cerca de 50 novos guardas municipais para tal fim. Há também a atuação da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros.



Por fim, a Fundação de Cultura e Turismo aparece como parceira, considerando-se equipamentos como o Museu do Cordel, a Casa José Condé, além de um calendário cultural vivenciado durante o ano, incluindo a gastronomia. Destaca o Secretário a comida de Feira como da mais alta importância, “feijão verde, carne de sol, sarapatel,

buchada, bode assado”. Afirma que a Secretaria tem o objetivo de melhorar a infraestrutura dos espaços de gastronomia, incluindo a preocupação com questões relativas à vigilância sanitária, com um projeto específico de requalificação dos restaurantes que existem dentro do Parque 18 de Maio.

Sobre a interface com o Alto do Moura, está em andamento um projeto que trouxe 15 artesãos mirins, de 5 a 12 anos, do Alto do Moura, para dar aulas a outras crianças da cidade no Parque 18 de Maio.

Importante salientar aqui também a recuperação atual de dois prédios históricos fundamentais no contexto da Feira de Caruaru: o já citado Mercado de Farinha; e chamada “Casa Rosada”, antigo matadouro, dentro de um amplo projeto de requalificação do Parque 18 de Maio.

A Prefeitura está realizando um censo com os feirantes até o final de 2019, no sentido de compreender melhor a dinâmica das feiras. Inclui temas como: o nível de satisfação do feirante; se ele produz aquilo que vende ou é revendedor dos produtos; quantos filhos o feirante tem; quem são seus clientes e de qual cidade vem tais clientes. Este censo está relacionado com a realocação recente da Sulanca e possíveis mudanças futuras, para gerar-se segurança naquilo que está se pondo em prática. Trata-se de material fundamental para pensar-se as perspectivas patrimoniais futuras.

8 - Parecer

A Feira de Caruaru continua viva, sendo importantíssima tanto enquanto referência cultural quanto como polo econômico da Região Nordeste, particularmente do Agreste de Pernambuco (Caruaru hoje é o mais importante centro econômico do Agreste e Sertão de Pernambuco)²². As ações de salvaguarda realizadas pelas três esferas de governo, assim como pela sociedade civil, certamente contribuíram, cada uma a seu modo, para a garantia de continuidade e sustentabilidade do bem. Hoje a Feira continua ocupando lugar de destaque absoluto enquanto Referência Cultural. A recente criação da Secretaria Extraordinária da Feira de Caruaru pela Prefeitura Municipal é prova dessa crescente importância.

O principal argumento neste sentido é o fato de que, além da sua importância econômica crescente, a Feira congrega dezenas de referências fundamentais para toda a região: os saberes do artesanato em barro, couro, palha e tecidos; a literatura de cordel; a cantoria de viola; as bandas de pífano; o forró; a culinária tradicional; e, sobretudo, a tradição do grande entreposto comercial entre a Mata e o Sertão, que deram origem à Feira e esta, à Cidade de Caruaru.

²² Veja-se, a título de informação:

<https://www.sefaz.pe.gov.br/Transparencia/Transparencia%20e%20Cidadania%20Fiscal/Receita/Valores%20de%20Arrecadao%20por%20Municpio%20e%20Regio%20do%20Estad/Forms/DispForm.aspx?ID=7>

Considerando a classificação tipológica dos projetos/ações na Tabela 1 da presente Nota Técnica, entendemos ser possível criar perspectivas para o desenvolvimento de ações orientadas pelos eixos ainda não contemplados. Este é um desdobramento viável para a continuidade das políticas. Por outro lado, percebemos que Feira de Caruaru não apresenta nenhum risco de desaparecimento, o que não significa que mais ações de salvaguarda sejam desnecessárias. Entendemos que os dados constantes no presente Parecer somados ao Relatório da Prefeitura de Caruaru citado permitem uma apreciação dos Técnicos do Departamento de Patrimônio Imaterial no sentido de dar continuidade à instrução do processo nº 01450.012506/2016-00.

Pelo exposto, reavaliamos que a Feira de Caruaru manteve sua dinâmica cultural bastante preservada, tendo em vista que conservou as relações entre as diversas feiras que congrega, o que se reflete, inclusive, na espacialidade da Feira, mantidos o Parque 18 de Maio e o espaço da Feira do Gado, como mostram as imagens ao longo do presente Parecer. A atuação do Iphan-PE no acompanhamento da Feira mediante a efetivação de um calendário de monitoramento técnico, no âmbito do processo de Monitoramento de Bens Registrados levado a efeito pelo Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI/Iphan) também deverá continuar.

Já no tocante às ações de salvaguarda, poderão ser retomados projetos de divulgação e promoção, conforme reclamam alguns dos detentores entrevistados. Além disso, cabe ao Iphan avaliar sua participação nas decisões e nos processos de implementação de melhoras urbanísticas na Feira, e seus respectivos impactos na dinâmica cultural do lugar, ponto que também foi levantado nas entrevistas. Isso incluiria, dentre outras coisas, eventual apoio financeiro para melhorias urbanísticas e para ações de promoção e divulgação.

As ações de salvaguarda promovidas pelo Iphan-PE, sempre em parceria com a Prefeitura de Caruaru e Associações de Feirantes, foram, sim, pontuais, sobretudo as primeiras, entre 2007 e 2010. O objetivo foi ressaltar aspectos relevantes para a promoção e a ampla divulgação da Feira de Caruaru, estabelecendo relações com detentores da feira e de bens a ela associados. Cabe, portanto, buscar a retomada da mobilização dos detentores e da aproximação entre eles – mediante suas Associações representativas –, o Iphan-PE e a Prefeitura de Caruaru – mediante as diversas Secretarias envolvidas com a manutenção e o funcionamento do lugar –, com vistas a que se criem canais de diálogo para uma participativa salvaguarda da Feira de Caruaru.

Os dados trazidos pela Prefeitura de Caruaru em seu relatório ratificam que a Feira é relevante não só como equipamento urbano, mas também como espaço cultural e instrumento de desenvolvimento econômico para toda a cidade, sobretudo para as milhares de pessoas e famílias que dela tiram o seu sustento.

De resto, cabe apenas ressaltar a afirmação feita no início deste Parecer de que nenhum setor da Feira de Caruaru identificado à época do Registro deixou de existir. Ademais, a revalidação do título de Patrimônio Cultural do Brasil é esperada tanto pela Prefeitura de Caruaru quanto pelos detentores e interlocutores contatados, visto ser a

Feira uma das principais referências culturais para a cidade de Caruaru, para o Agreste e para o Nordeste do Brasil.

Assim, somos de parecer que o título de Patrimônio Cultural do Brasil conferido à Feira de Caruaru deve ser revalidado. A Feira ainda é o principal espaço de comercialização de bens, matérias-primas e artigos culturais do interior de Pernambuco. Mantém, não obstante mudanças próprias do passar do tempo, as características culturais indicadas na música “A Feira de Caruaru”, com os itens próprios da cultura do agreste e do sertão nordestinos: as sandálias e bolsas de couro, o fumo de rolo, a tapioca, o repente cantado no bar que vende buchada, a feira do gado, a banda de pífano, os utensílios em flandres, a farinha, a literatura de cordel. Os elementos modernos identificados quando do processo de Registro também estão mantidos: a venda de artigos importados “do Paraguai”, a Sulanca e suas confecções de moda, a feira de roupas de cama, mesa e banho, os produtos eletrônicos. Ou seja: “De tudo que há no mundo / Nela tem pra vender / Na Feira de Caruaru...”.

Recife-PE, 06 de novembro de 2019.

Maria das Graças Carvalho Villas
Técnica/Iphan-PE
Siape 6223415

Romero de Oliveira e Silva Filho
Técnico – I / História
Iphan – PE
Siape: 1535432

George Bessoni
Técnico – I / Ciências Sociais
Iphan – PE
Siape: 1545916